Acervo ISA

GARIMPO

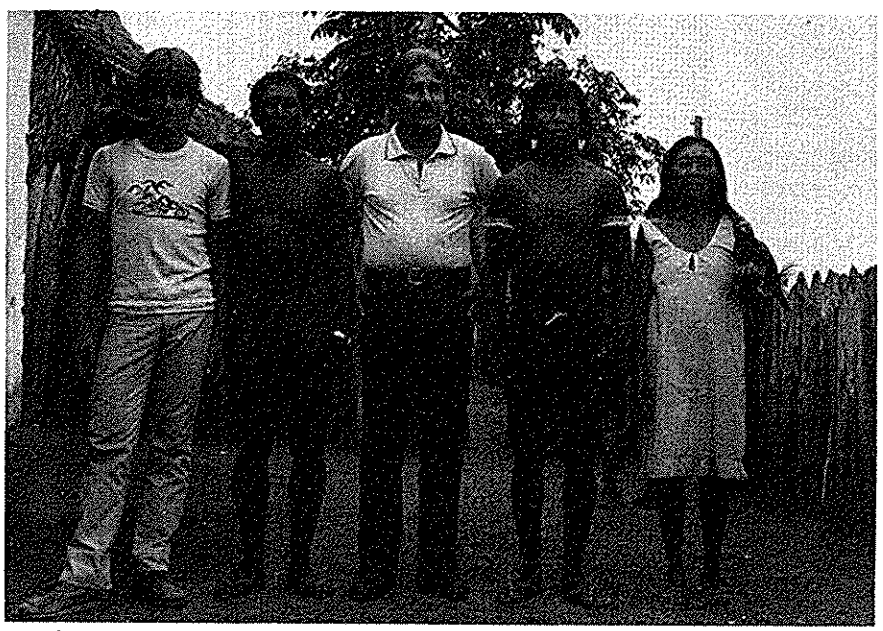
CEDI - P. I. B.
DATA 31 / 12 / 86
COD.

O agente secreto virou rei em Serra Pelada

Além de muito ouro, o garimpo produziu uma liderança originalíssima, o "dr. Curió". Aqui algumas de suas aventuras e suas idéias. Socialistas? Talvez, diz ele

ROBERTO SUZEDELO (texto) e HÉLIO CAMPOS MELLO (fotos)

Até fevereiro do ano passado ninguém havia ouvido falar em Serra Pelada. Na verdade, Serra Pelada não existia. Era chamada de Serra da Babilônia, uma morraria árida, áspera, empedrada. Desde 1979 garimpeiros cavavam ali, mas a Babilônia era um assunto exclusivo dessa gente que trabalhava do nascer ao pôr do sol desbastando a montanha. O barro superficial era removido na procura do cascalho cor de cinza que escondia as pepitas de ouro. O barro cinzento agarrava-se às roupas dos homens. Era uma região de extrema e crescente violência, mas tinha a atração irresistível do ouro. Um ouro relativamente fácil de ser conseguido. Ele não se misturava ao barro ou a qualquer outro minério. À noite, os felizes cavoucadores que conseguiam encontrar alguma coisa comemoravam dando tiros em direção às estrelas. Ou matavam-se uns aos outros. Hoje Serra Pelada é um nome conhecido nacionalmente. Ou mais. Estima-se que em menos de um ano foi retirado de Serra Pelada algo em torno de 7 a 9 toneladas de ouro. Foi encontrada ali uma pepita de 6,7 quilos, uma das maiores que se conhece. A Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais (CPRM) ainda está elaborando um relatório definitivo sobre Serra Pelada, seu potencial, a maneira mais racional de aproveitá-lo. Em meios oficiais, porém, já se comenta que, ao final das avaliações, Serra Pelada poderá apresentar reservas superiores às melhores áreas da África do Sul, grande produtora de ouro.



Curió entre moradores da "Curiolândia": brancos, índios e papagaios

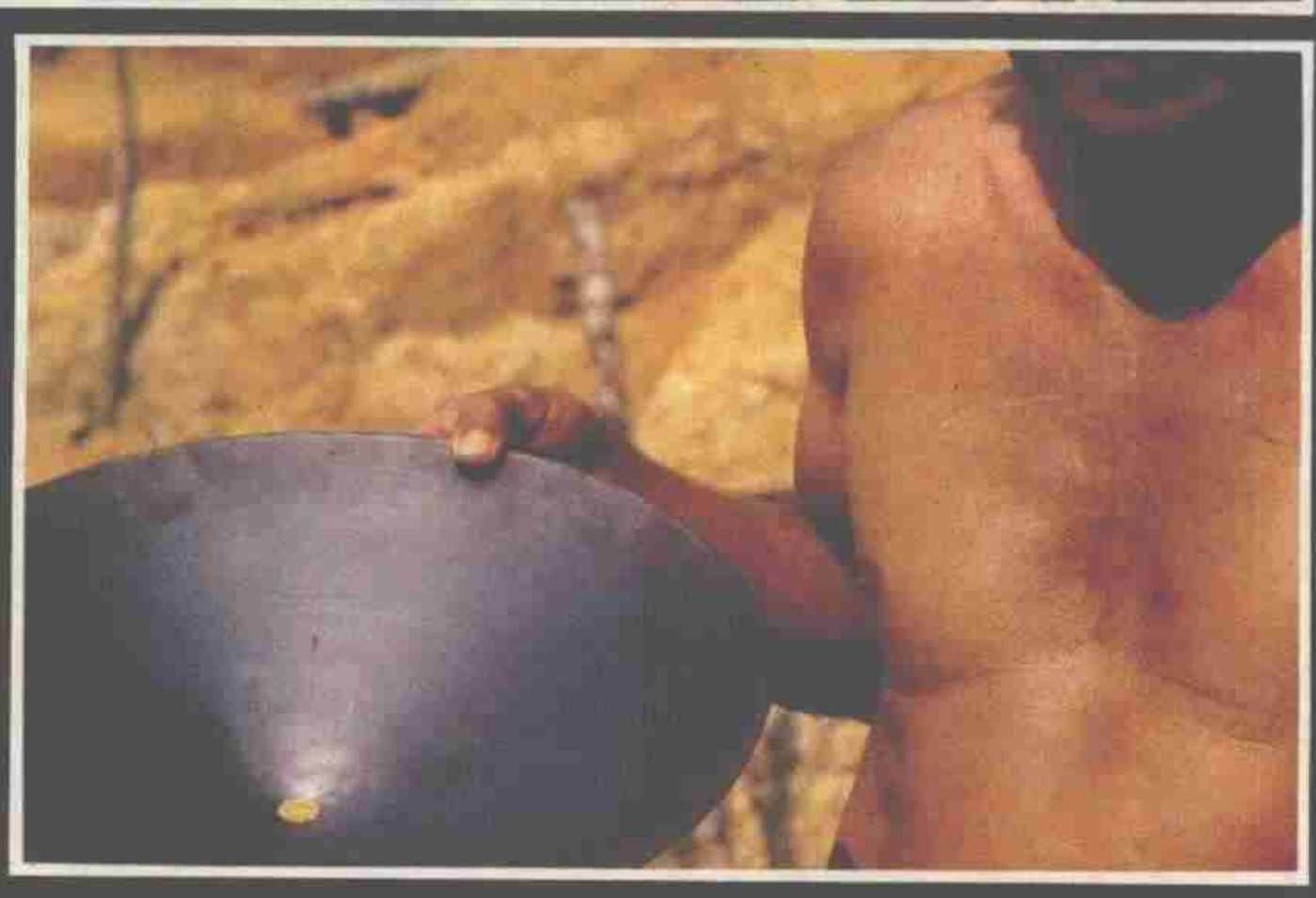
Lei, ordem, justiça. Os primeiros sinais da riqueza escondida na antiga Serra da Babilônia já haviam feito o governo, em maio do ano passado, assumir o controle da área, através da secretaria executiva do Conselho de Segurança Nacional. Era preciso pôr ordem na serra, centralizar a compra do ouro para evitar contrabando, e para ali foi enviado um desconhecido oficial dos quadros do Serviço Nacional de Informações. Seu nome verdadeiro, Sebastião Rodrigues de Moura, e sua origem, o SNI, nada significavam para os garimpeiros. Era apenas, e continua sendo, o "doutor Curió". Em menos de um ano ele se transformaria no homem da lei e da ordem – e da justiça – de Serra Pelada e de uma fatia cada vez maior da Amazônia. Hoje, quando Curió desembarca em qualquer área de conflito da região, é recebido como o líder que todos aguardam num território faroeste típico, como aquele que se estende por cerca de 200 mil quilômetros quadrados no Pará, Mato Grosso e Norte de Goiás. Um garimpeiro de Serra Pelada garante: "Ele ganha eleição até para presidente". Camponeses de um povoado perto de São Gonçalo, no Pará, abandonaram a missa para abraçá-lo, quando ele chegou com alimentos e remédios. Um geólogo que o acompanhou em várias viagens concluiu: "Nesta região ele é o Lula do governo". Esse papel, de certa maneira, ele começou a exercer quando chegou à região do Araguaia em 1972, para ter atuação fundamental na mais longa atividade de guerrilha ocorrida no Brasil. Mas já naquela época, usando sua condição

Continua na pág. 23

Acervo ISA

O mundo fantástico de Serra Pelada, ou da "Curiolândia"

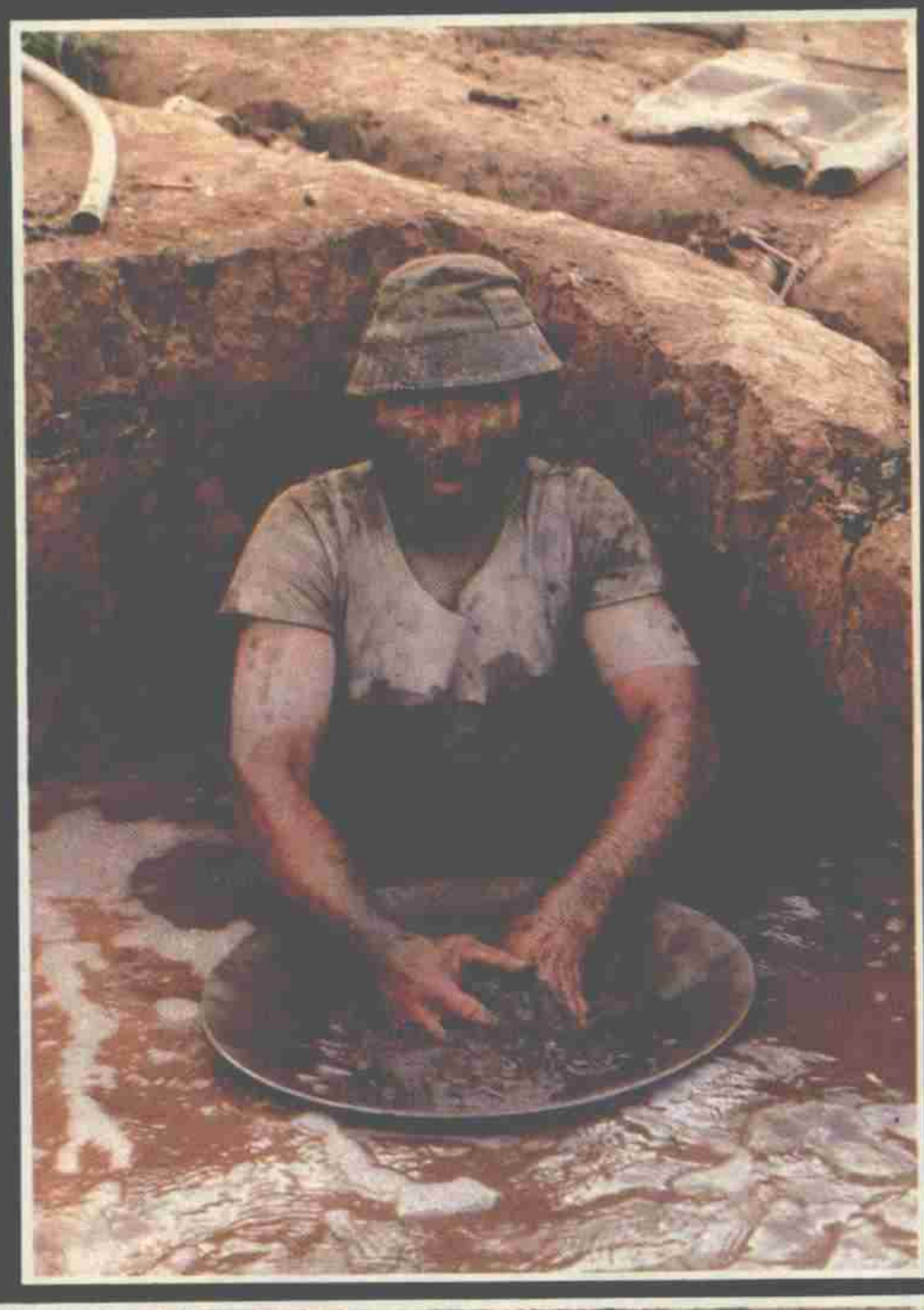
Paisagem lunar? Filme estilo épico hollywoodiano? Uma ilustração viva da "Divina Comédia"? Serra Pelada já foi comparada a tudo isso. Objetivamente é um acampamento onde vivem cerca de 12 mil garimpeiros

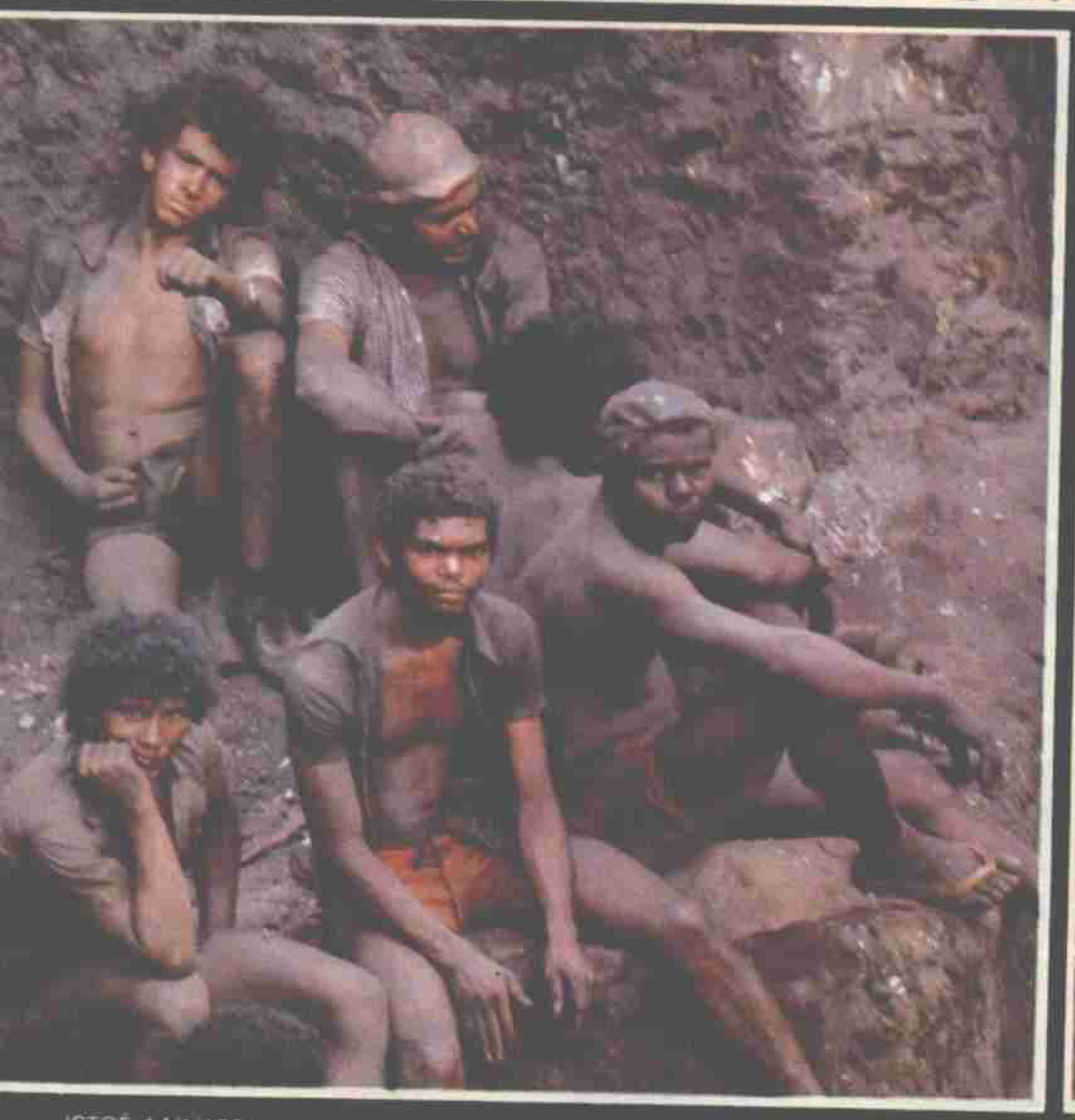


O ouro, que já chegou a ser extraído ao ritmo alucinante de 50 quilos num único dia, é sinônimo de cobiça, de luta entre os homens. Cobiça e conflitos têm sido minimizados pela presença da lei e da ordem ao estilo do "doutor Curió". Ele proibiu inclusive os tiros noturnos contra as estrelas, um hábito antigo no garimpo

280 palmos em direção ao centro da Terra

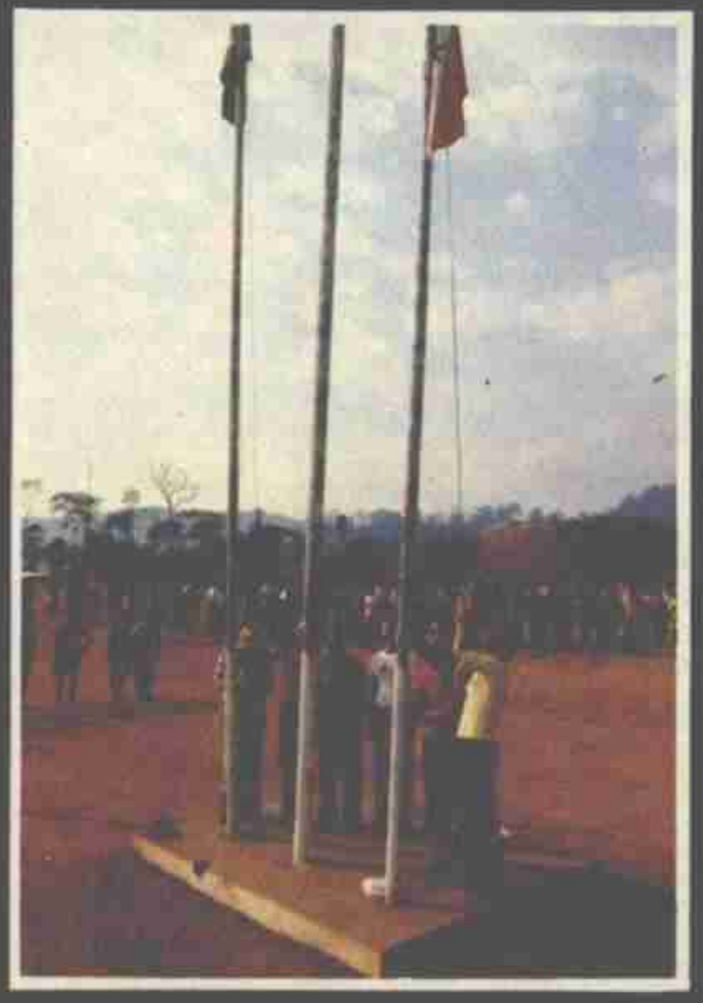
Com pás e picaretas os homens removeram uma montanha. Na verdade, uma serra imponente, empedrada, a Serra Pelada do início de 1979, quando uma avalancha de peões ocupou desordenadamente o lugar. Serra Pelada, então, chamava-se Babilônia. Hoje, Babilônia é um buraco de 280 palmos de profundidade, e os homens continuam a cavar em direção ao centro da Terra.
O solo superficial, barro imprestável, foi removido a mão, e hoje forma outro morro.
O que interessa aos garimpeiros é a terra cinza onde existe o ouro. Os homens adquirem a cor dessa terra. Eles descem e sobem equilibrando-se em escadas precárias e mergulham em poças de lama para chegar ao ouro. Os homens, sozinhos ou em parceria, se distribuem em fatias dos barrancos, cada um com 10 m² em média.
Um respeita o espaço e as propriedades do outro, ainda que às vezes trabalhem a menos de meio metro de distância. Os confortos são mínimos. Um rádio de pilha é um luxo

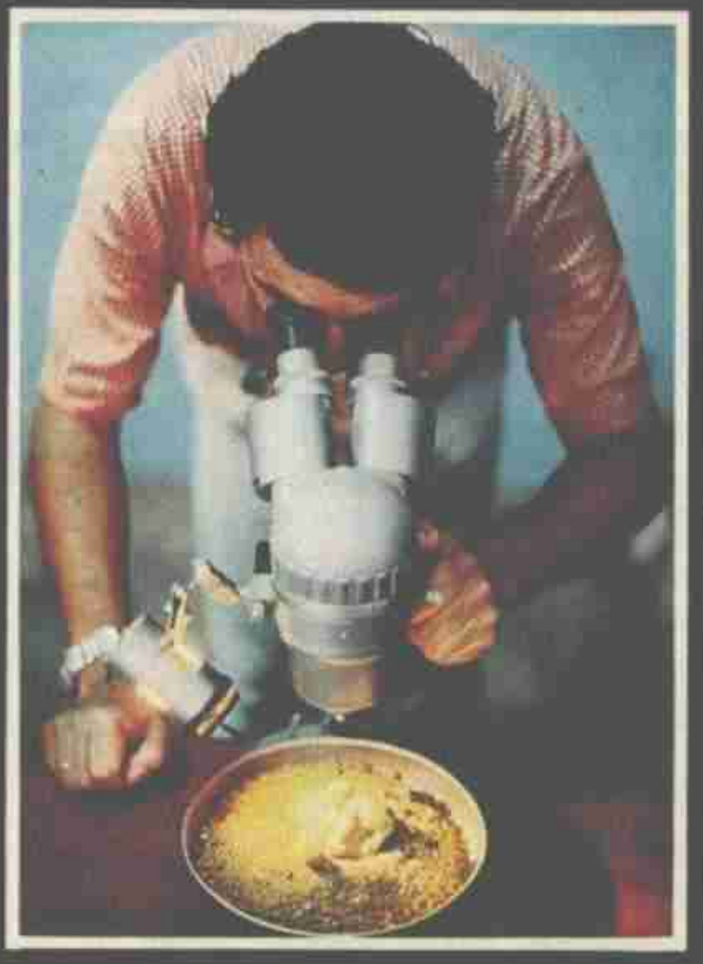


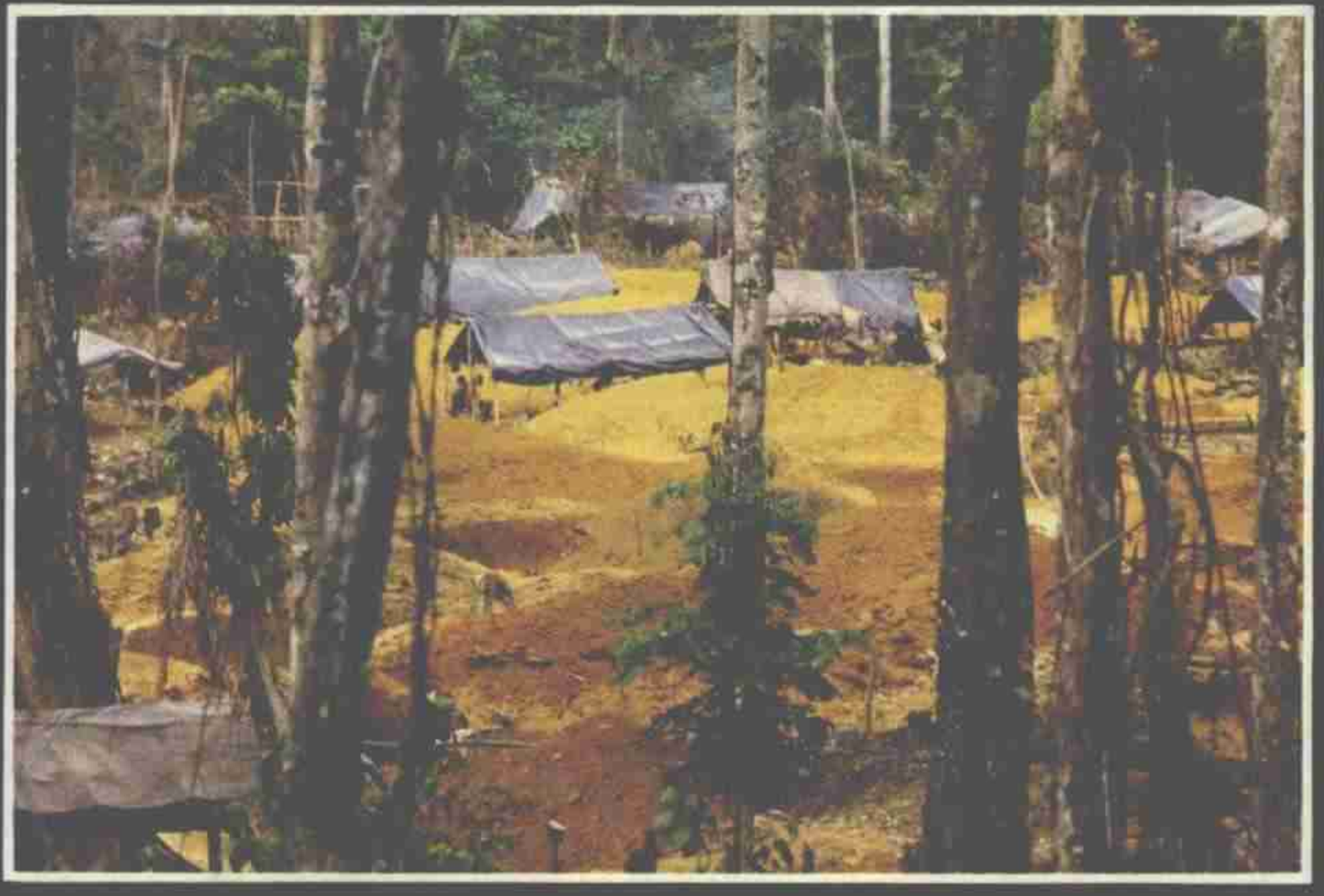


O telefone, a Caixa Econômica, o patriotismo

O avião leva os peões em dias de folga para os bordéis de Marabá, a vinte minutos de vôo. Muitos pagam 5 mil cruzeiros apenas para tomar um porre







O governo, através do "doutor Curió", trouxe a Serra Pelada o Hino Nacional, a bandeira, os armazéns, a agência da Caixa Econômica, os geólogos, o telefone, a disciplina de tipo quase militar. Assim, músculos que saltam sob a pele encarquilhada constroem esse país, diz Curió

Acervo ISA

Continuação da pág. 18

de oficial do serviço de informações – e portanto não-combatente –, ele dizia: "Minha missão é pacificar. E há dois meios para se fazer isso. Trazer tropas ou fazer justiça".

Valores garimpeiros. Hoje na região do Araguaia reina uma unanimidade sobre o poder e a liderança de Curió. Discutem-se, porém, muitas vezes, seus métodos. Há quem diga que ele faz uma espécie de lavagem cerebral nos lavradores da região – é o que diz, por exemplo, dom Alano Pena, bispo de Marabá. E existe uma quase unanimidade quanto à função pacificadora desse mineiro (nasceu em São Sebastião do Paraíso) de fala fácil e macia, 46 anos, quatro filhos, que oito anos depois continua sendo mais conhecido como doutor Curió, embora tenha chegado ao posto de tenente-coronel. Em Serra Pelada, por exemplo, Sebastião Rodrigues de Moura já é mito. Muitos garimpeiros usam, nos dias de folga, camisetas de algodão com um acróstico em sua homenagem: "Comunicação, União, Respeito, Idealização, Organização". São esses, dizem, valores garimpeiros. E as iniciais de cada um desses valores formam a palavra mágica: Curió.

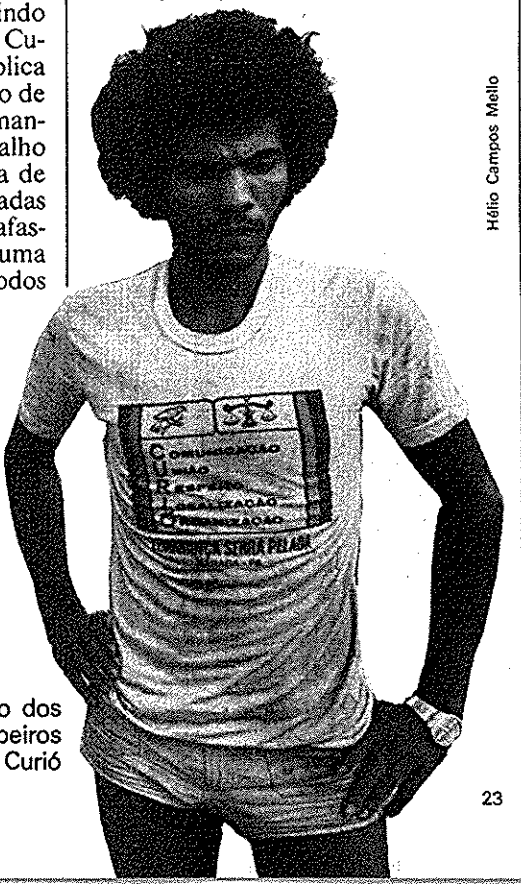
Para preservar os seus valores garimpeiros, Curió proibiu tiros, cachaça e mulheres. Estendeu cercas de arame farpado e fichou os garimpeiros, para evitar que Serra Pelada fosse invadida por outros milhares de peões (existem 12 mil fichados e um número incontável de "furões", que invadem o garimpo à noite). Curió foi conquistando simpatias e lealdades, melhorando a condição de vida dessa gente. Trouxe o telão para o cinema ao ar livre, providenciou a primeira remessa de inolvidáveis pornochanchadas para levantar o ânimo do pessoal, montou o armazém de preços baixos, as quadras de esporte, trouxe a agência da Caixa Econômica e o telefone.

Fotos Eurico Alencar/O Liberal

A ordeira manifestação dos "furões" e os sorrisos satisfeitos de Figueiredo e do doutor Curió

Atencioso, hábil, ao estilo bem mineiro, não deixa garimpeiro sem resposta. Quando está no garimpo, pontualmente às 8 horas, reúne verdadeiras multidões para o hasteamento da bandeira. Às vezes faz breves discursos, elogiando aqueles músculos encarquilhados que, segundo ele, "estão construindo este país". Em novembro passado Curió levou o presidente da República ao garimpo e, numa demonstração de prestígio e domínio das massas, mandou que todos voltassem ao trabalho depois dos discursos e da queima de fogos – 16 toneladas providenciadas por Curió. Ao ver os homens se afastando, Figueiredo comentou: "É uma disciplina que eu quisera ter em todos os quartéis por onde passei".

Exemplar raro. "Ele é um raro exemplar de político e militar", diz um técnico do governo. Recentemente, enquanto Curió convalescia de uma operação num hospital de Brasília, sua mãe, dona Antônia, comentava com alguns amigos: "Desde os 7 anos, de manhã, ao levantar, ele me fazia continência. Dizia que ia ser soldado". Depois de cursar a Academia Militar de Agulhas Negras, o aspirante Sebastião Rodrigues de Moura foi servir no Paraná e logo mostrou sua vocação política. Corria o ano de 1961 e Sebastião, apenas um segundo-tenente, solidarizou-se com o ministro do Exército, Odílo Denys, contra a posse de João Goulart. Foi preso. Em compensação, em abril de 64 já dirigia um inquérito policial-militar em Belo Horizonte. Sua primeira missão em região de conflitos de terra aconteceu em 1967, no Paraná, quando foi destacado para reprimir uma rebelião de posseiros. Conseguiu um acordo que os posseiros consideraram satisfatório. Mais tarde, já capitão, foi recrutado pelo

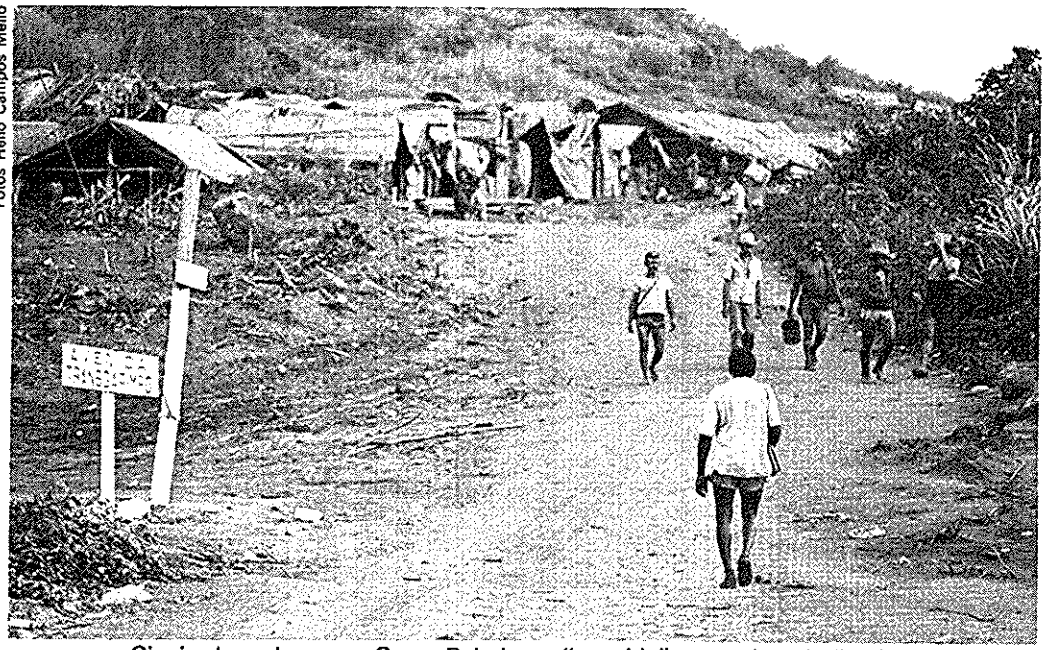


Hélio Campos Mello

Na camiseta, a enumeração dos valores garimpeiros e as iniciais formando Curió

Acervo ISA

Fotos Hélio Campos Mello



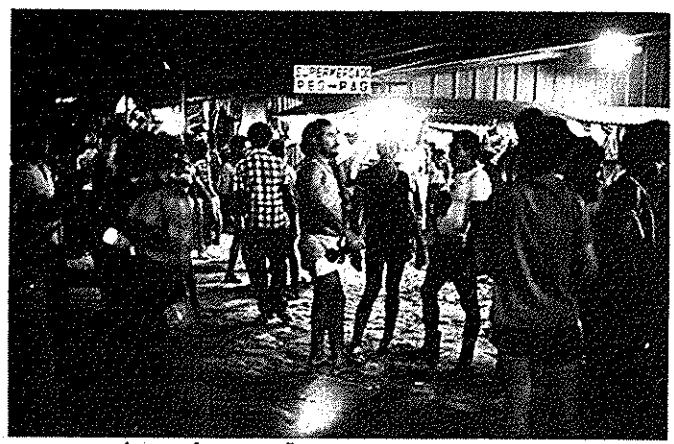
Sinais da ordem em Serra Pelada: a "avenida" com placa indicativa

Centro de Informações do Exército e, como major do serviço de inteligência, foi um dos primeiros a chegar ao Araguaia, em 1972, para combater o foco guerrilheiro implantado na região por militantes comunistas.

Os codinomes. Nenhum militar que lutou no Araguaia fala a respeito. Nenhum oficial de informações dá entrevistas. O tenente-coronel Moura não foge à regra. Até pouco tempo, inclusive, escondia-se sob o falso nome de Marco Antônio Luchini. Usava ou usou ainda vários nomes. Foi "doutor Paulo", "doutor Tibiriçá", antes de virar "doutor Curió". Nos anos 70 os órgãos de segurança pareciam uma universidade, abarrotados de "doutores". Os nomes iam e vinham ao sabor das circunstâncias e das missões em que estavam envolvidos os agentes. Curió, no entanto, é um nome que vem da infância, apelidos desses que se ganham menino e que seguem a pessoa pelo resto da vida. Moura já era Curió no tempo em que, cadete, engrossava seu soldo vencendo lutas de boxe nas noites de sábado em parques de diversão. Em 1977, para uma conversa com dom Alano, apresentou-se como major Marco Antônio Luchini, e o nome pegou. Foi nessa época que ele apareceu pela primeira vez para o grande público, numa rápida entrevista da TV Globo, falando sobre problemas indígenas. Apresentado como Luchini (na verdade sobrenome de sua mulher), semeou confusão na própria família. Sua mãe, que mora em Ribeirão Preto (SP), conta que o telefone não parou de tocar naquela noite. Eram primos, parentes e amigos querendo saber que história era aquela de Marco Antônio Luchini. Como boa mãe de um agente secreto, dona Antônia despistou. Disse que foi um erro do repórter da TV. Curió achou, no entanto, que era o momento de sair da clandestinidade, e foi homenageado como cidadão ilustre de São Sebastião do Paraíso já com seu nome real. Ainda assim não chega ao ponto de se permitir fotografar – a não ser em atos públicos – e não declara nada a jornalistas (vários já tentaram entrevistas), a não ser no que se convencionou chamar de conversa entre amigos. Pode-se também conversar com amigos de Curió e reconstituir assim os seus passos e descobrir o que ele pensa.

Confissões ao luar. Nas noites enluaradas do Araguaia ele já chegou a confidenciar, por exemplo, que começou a participar da ação antiguerrilha disfarçado de engenheiro do INCRA, órgão que cuida dos problemas fundiários do país e que, na opinião de Curió, cuida mal. Um pouco mais de luar, conversa vadia nas noites calorentas da selva, um pouco mais de intimidade, e Sebastião Rodrigues de Moura é capaz de abrir a alma: "Há quem diga que eu sou socialista. E olha, eu não sei não", confidenciou certa vez.

Realmente é difícil definir esse homem a partir do seu ideário político. Ele inclui, por exemplo, uma azeda condenação ao comunismo, mas uma condenação igualmente azeda ao capitalismo. Acredita numa terceira via, cujo nome, explica, não interessa. Ele está absolutamente convencido de que a terra é o problema mais sério do Brasil. Não lhe agrada, por exemplo, a Volkswagen ter 140 mil hectares no Araguaia. Não concorda também com latifúndios improdutivos. "Estes, o posseiro está certo ao invadir", diz. Ele acha que sua missão de pacificador do Araguaia, ou de bombeiro das tensões sociais, só pode ter

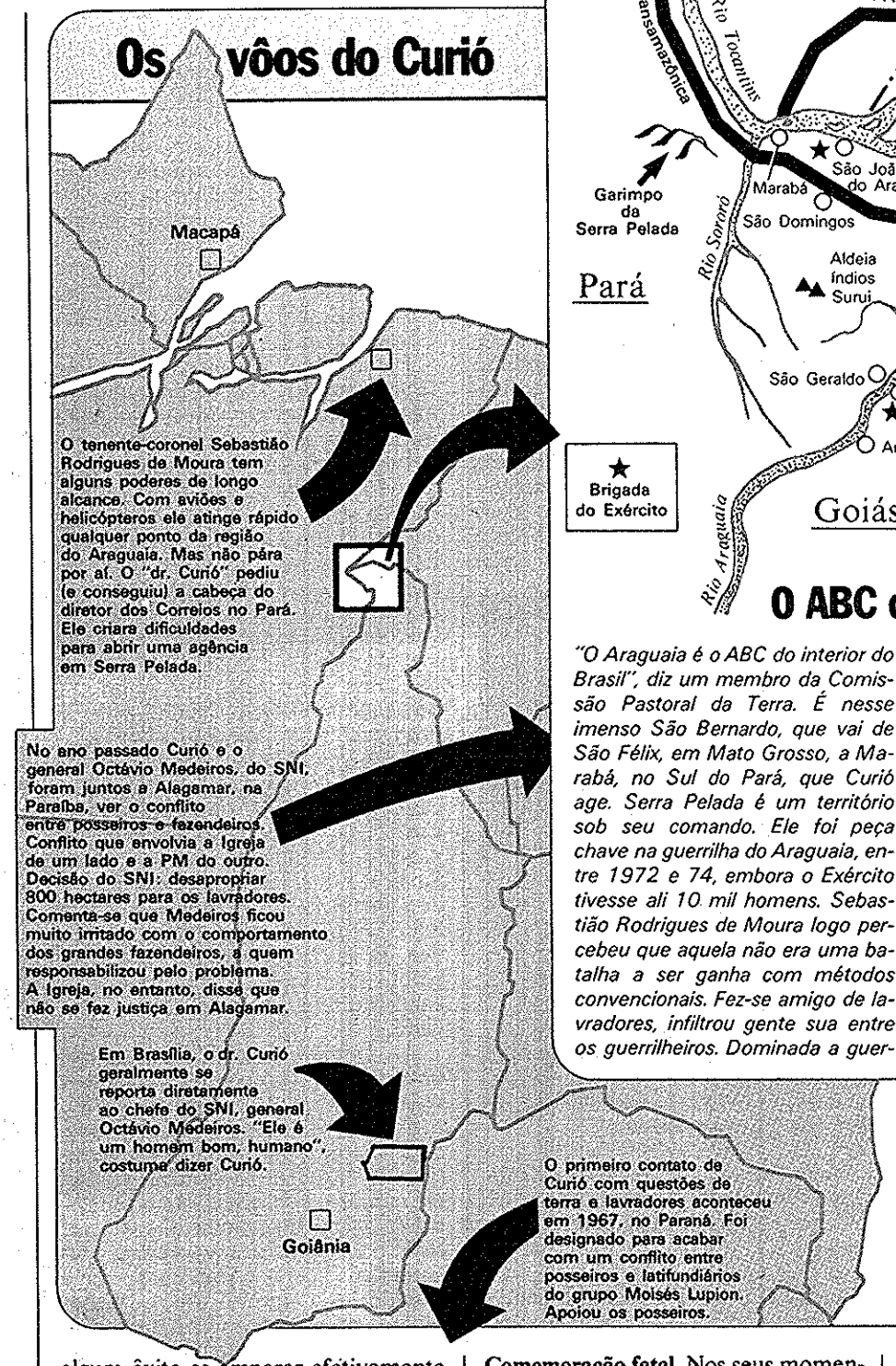


A movimentação noturna no mercado

O telão esperando as pornochanchadas

Acervo ISA

Os vôos do Curió



O ABC do sertão

"O Araguaia é o ABC do interior do Brasil", diz um membro da Comissão Pastoral da Terra. É nesse imenso São Bernardo, que vai de São Félix, em Mato Grosso, a Marabá, no Sul do Pará, que Curió age. Serra Pelada é um território sob seu comando. Ele foi peça chave na guerrilha do Araguaia, entre 1972 e 74, embora o Exército tivesse ali 10 mil homens. Sebastião Rodrigues de Moura logo percebeu que aquela não era uma batalha a ser ganha com métodos convencionais. Fez-se amigo de lavradores, infiltrou gente sua entre os guerrilheiros. Dominada a guerrilha, Curió instalou lavradores que colaboraram com ele ao longo da rodovia OP-3, perto de Marabá. Intrusos eram levados sumariamente para investigação na 23ª Brigada de Infantaria. Em seguida passaria a tentar acordos com o pessoal da Igreja, uma estranha aliança eclésio-militar para pacificar a região. Teve fracassos e êxitos. O missionário francês Aristides Camio diz, por exemplo, que quando o povo dá um passo a frente Curió dá junto. Já dom Alano Pena, bispo de Marabá faz duras críticas aos métodos de Curió.

RMori

algum êxito se amparar efetivamente o posseiro, o garimpeiro, o índio.

Aos que se surpreendem, explica: "Este é o meu método. O meu, você entende?" Há quem fale de oposição ao seu trabalho. De onde partiria? Certamente não parte do chefe do SNI, a quem ele se reporta muitas vezes diretamente, general Octávio Medeiros. "Ele é um homem bom, humano", afirma. Segundo Curió, Medeiros entende seu estilo de trabalho. Às vezes brinca com ele. Como na ocasião em que Curió foi capa do jornal *Movimento*. "Quer dizer que te recrutaram?", comentou Medeiros.

Comemoração fatal. Nos seus momentos de maior descontração, o tenente-coronel chega a fazer longas análises sobre o movimento guerrilheiro do Araguaia, um assunto tabu no Exército. Como muitos militares envolvidos na operação, Curió logo percebeu que os 10 mil homens deslocados para a área sob o comando do general Antônio Bandeira não serviam para aquele tipo de luta. Alguns juízos seus sobre outros comandantes militares são arrasadores: "O Hugo Abreu foi passear no Araguaia", destruindo assim a versão corrente de que a Brigada de Pára-quedistas, comandada por ele, é que decidiu a questão: Curió tem convicções sólidas a respeito da não adequação dos soldados pára-quedistas para qualquer tipo de combate nas selvas. Ele conta ainda que das três campanhas do Araguaia – um combate aparentemente desigual, já que o grupo guerrilheiro constituía-se somente de 69 pessoas – a única que produziu resultados práticos foi a terceira. Antes dessa campanha os guerrilheiros comemoraram meia dúzia de adesões ao seu movimento. A comemoração foi fatal. Havia, entre os que aderiram, lavradores infiltrados pelo Exército. Para o tenente-coronel Moura, grande parte do êxito final da operação antiguerrilha se deveu a essa infiltração. Um dos comandantes da guerrilha, Ângelo Arroyo, deixou um relatório onde fala num certo Jonas, lavrador recrutado pelos comunistas, tratando-o como um traidor que teria morto e decapitado o

Acervo ISA

guerrilheiro Arildo Valadão. Jonas está desaparecido. Dizem que vive num ponto qualquer da Amazônia. E continua amigo de Curió.

Tirando o chapéu. Curió acabaria participando de um combate no Araguaia. Ele andava com uma patrulha de oito militares e quatro mateiros quando depararam com uma moça (Lúcia Maria de Souza, estudante de medicina no Rio, codinome Sônia). Ela pôs as mãos na cabeça, como se estivesse se rendendo, mas quando o major que comandava o pelotão se aproximou, puxou uma arma e alvejou o militar no rosto. Mesmo sendo atingida por vários disparos do grupo, Sônia ainda conseguiu atirar e acabou acertando Curió no braço. "Eu não tenho que tirar o chapéu para uma mulher como essa?", diz Curió ao justificar as referências que faz ocasionalmente à coragem de alguns dos guerrilheiros do Araguaia. Se existe alguma glória a qual ele não reivindica, foi ter participado da repressão à guerrilha. "Foi uma estupidez, com gente sem saber o que estava fazendo dos dois lados", diz.

Leitor de livros marxistas por obrigação profissional, o tenente-coronel faz sua análise do movimento guerrilheiro: "O PC do B não estava preparado para a guerrilha. Inclusive eu sei que o Araguaia era um depósito de procurados. Eles estavam isolados. A comissão militar deles não tinha apoio de fora, nem do Brasil nem do exterior. Não tinham armas. E fizeram mal feito o trabalho de massas".

Lavagem cerebral? Terminada a guerrilha, instalado nas margens da estrada OP-3, aberta na mata por causa do movimento armado, ele prosseguiu administrando a região com poderes de chefe militar. Distribuiu terras ao longo da estrada aos lavradores e mateiros que colaboraram com o Exército, mostrando que a justiça social começa a ser feita para os amigos.

"Ele fazia lavagem cerebral no povo", acusa dom Alano. Lembra ainda a prisão de um padre, o caso de uma freira torturada e a acusação feita contra o frei Roberto Rolland de ser comunista e guerrilheiro, tudo isso no período em que Curió era uma espécie de interventor na área.

Certa vez, um morador da OP-3 escreveu ao padre Roberto dizendo que, por ordem de Curió, fora obrigado a cancelar a celebração de uma missa. Curió tentou fazer com que apenas capelães militares celebrassem missa ali. Ocorre que capelães militares só podem rezar missa em zonas militares. O tenente-coronel Moura tentou um expediente pouco sério. Armou barracas ao longo da estrada, espalhou soldados e criou o que dom Alano chama de ambiente eclésio-militar.

Hélio Campos Mello.

O controle na entrada do garimpo: 12 mil fichados

Fantasma Voador. Os atritos com a Igreja não impedem, no entanto, que Moura continue tentando uma aproximação com os padres. Com relação a dom Alano, tentou tudo. Maçom, pediu a interferência de um membro da maçonaria para uma aproximação. Inútil. Dom Alano dizia: "Não pode haver entendimento entre nós dois".

Na diocese de Conceição do Araguaia, porém, Curió conseguiu aproximar-se do missionário francês Aristides Camio, um dos grandes animadores dos movimentos camponeses. Um membro da Comissão Pastoral da Terra de Conceição do Araguaia diz que Curió tem uma grande sensibilidade para sentir os problemas dos lavradores. "Quando o povo dá um passo à frente, Curió dá junto", explica. Outros justificam o sucesso de Curió pela eficiência no atendimento às reivindicações do pessoal mais pobre.

De fato, o próprio Curió forneceu a alguns líderes locais o número dos telefones da Agência Central do SNI em Brasília, com a instrução de ligarem de graça de qualquer posto da Telepará em caso de necessidade. Com aviões e helicópteros ele atinge facilmente qualquer ponto da região. Como o Fantasma Voador.

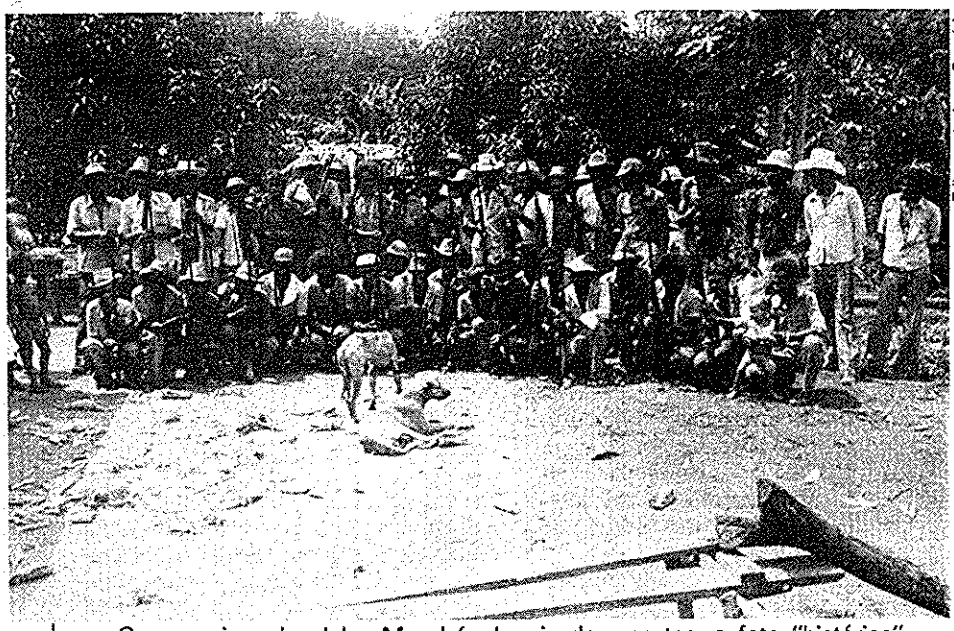
Foi assim, de supetão, que em setembro passado surgiu em Cachoeirinha, município de Conceição, para mediar um conflito de posseiros com os funcionários de uma empresa agropecuária de um grande banco. Pistoleiros a serviço da empresa haviam seqüestrado um lavrador. Para resgatá-lo, setenta camponeses cercaram a fazenda. Curió desembarcou, desarmou os pistoleiros e garantiu a terra aos lavradores. Fantasma Voador não faria melhor.

Apoiando a oposição. Noutra ocasião promoveu uma assembléia com moradores de Itaipavas que se queixavam do delegado local. "Vocês indicam um delegado e eu nomeio", disse Curió. Ele também apoiou, no ano passado, o candidato da oposição ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Conceição do Araguaia contra o interventor, ex-sargento da Aeronáutica. O apoio, no entanto, resultaria inútil. Raimundo Lima, "Gringo", candidato da oposição, foi assassinado.

As opiniões sobre Curió, mesmo entre seus adversários, divergem muito. Dom José Maria Pires, o dom Pelé, bispo de João Pessoa, que tratou com Moura da questão de Alagamar, na Paraíba, diz que ele cumpriu com eficiência o seu papel de agente do governo. Ou seja, fez tudo para jogar o povo contra seus autênticos líderes e para confundir o trabalho da Igreja. De qualquer modo, em Alagamar Curió conseguiu um documento de apoio à decisão do governo de desapropriar 800 hectares de terra (a Igreja achou pouco). O documento tinha 180 assinaturas.

Telefone trocado. A melhor análise sobre a atuação de Moura, entre os seus adversários, parece ser a de Vladimir Pomar, ex-dirigente do PC do B, tido como especialista em assuntos relativos a camponeses e afins. Pomar acha que Curió representa uma nova tendência a prosperar dentro dos órgãos de segurança. O governo – Pomar prefere dizer "o regime" – teria decidido disputar a influência sobre o campesinato no terreno político. Um

Acervo ISA



Tribuna da Luta Operária

Os posseiros da gleba Marabá: depois das mortes, a foto "histórica"

exemplo dessa tendência foi a criação do Grupo Executivo de Terras do Araguaia e Tocantins, GETAT, criado em fevereiro do ano passado (teria sido uma idéia de Curió), para sobrepor-se à inoperante e desgastada burocracia do INCRA. Apesar de ser um dos setores que mais atenção recebe na área do Conselho de Segurança Nacional, o GETAT, segundo muita gente da região do Araguaia, não tem ido muito bem. Curió, surpreendentemente, concorda.

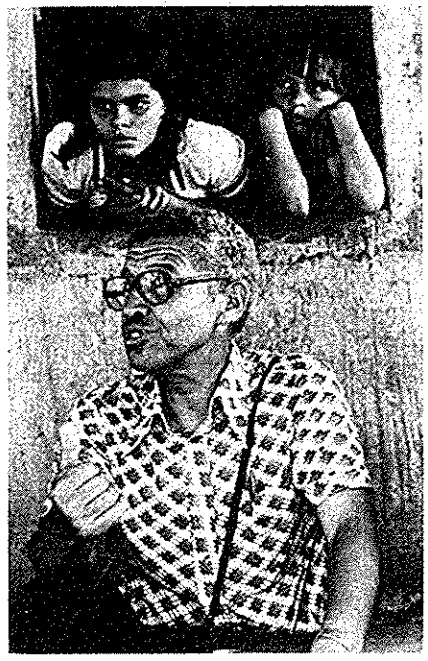
Em novembro, quando ele se preparava para a operação (vesícula), em Brasília, o GETAT não foi suficientemente ágil para conter um conflito de posseiros da gleba Marabá com grileiros da região. Durante uma semana, lavradores e elementos ligados à Pastoral da Terra no Araguaia telefonaram para a casa de Curió em Brasília, mas o telefone fora trocado. Sem ninguém para intervir e mediar a questão, os posseiros mataram quatro e feriram dois grileiros. Depois posaram com armas na mão, como um grupo de guerra.

No eldorado. Um homem com tantos poderes – "em qualquer bochicho o Curió tem condições de mobilizar 10 mil homens armados", diz um advogado de posseiros do Araguaia – não representaria um certo risco para o governo, mesmo sendo ele um convicto defensor da lei e da ordem segundo padrões que interessam ao poder? Amigos de Sebastião Rodrigues de Moura garantem que não existe perigo de Curió transformar-se em liderança política autônoma. Ele seria apenas um delegado do poder, para representá-lo com plenos poderes, ou quase. De fato, Curió, em que pese atritos ocasionais com este ou aquele departamento governamental, civil ou militar, tem sempre encontrado respaldo para suas ações. Mais do que isso, numa região como o Araguaia a presença de uma liderança tipo Curió veio a calhar para a nova filosofia governamental de disputar a influência na área, seja com a Igreja, seja com qualquer facção oposicionista.

Desde 1970, ao ser aberta a Transamazônica, os 200 mil quilômetros quadrados da "Curiolândia" transformaram-se num eldorado para camponeses sem terra vindos do Nordeste ou do Sul. Nesses dez anos a população de Conceição do Araguaia subiu de 29 mil para 150 mil habitantes. Os conflitos de terra são inevitáveis. Só no ano passado estima-se que morreram na região quarenta pessoas em disputas entre fazendeiros, posseiros, grileiros, policiais militares etc ...

Governador Curió? O governo precisa pacificar essa região, uma das novas fronteiras agrícolas do país. É lá também, nas ondulações cobertas pela mata virgem, que repousa o minério de Carajás, em cuja extração o país vai investir 30 bilhões de dólares nos próximos dez anos. É lá que está o ouro de Serra Pelada, uma das hipóteses prováveis de redenção parcial da economia nacional. Está nos planos do governo a criação de um Território Federal de Carajás, que abarcará todas essas riquezas e todos os problemas que hoje afligem a região. O território, conforme um mapa já visto nos gabinetes do ministro Golbery do Couto e Silva, irá se chamar Território Presidente Castello Branco. Quem irá governá-lo? O tenente-coronel Sebastião Rodrigues de Moura tem boas possibilidades de vir a ser escolhido para mais essa missão. Se isso acontecer, certamente será feriado em Serra Pelada e, à noite, quebrando a proibição, garimpeiros perdidos naquele mundão irão pedir de volta algumas das armas que abandonaram com os administradores do garimpo para comemorar dando tiros na noite, tentando acertar as estrelas. E o PDS, por incrível que pareça, terá um interventor federal popular.

Hélio Campos Mello

Juca Martins/AE4

A maçonaria não ajudou na conquista de dom Alano (esq.). Camio (acima) admite: é um líder. Dom Pelé diz que ele veio para confundir